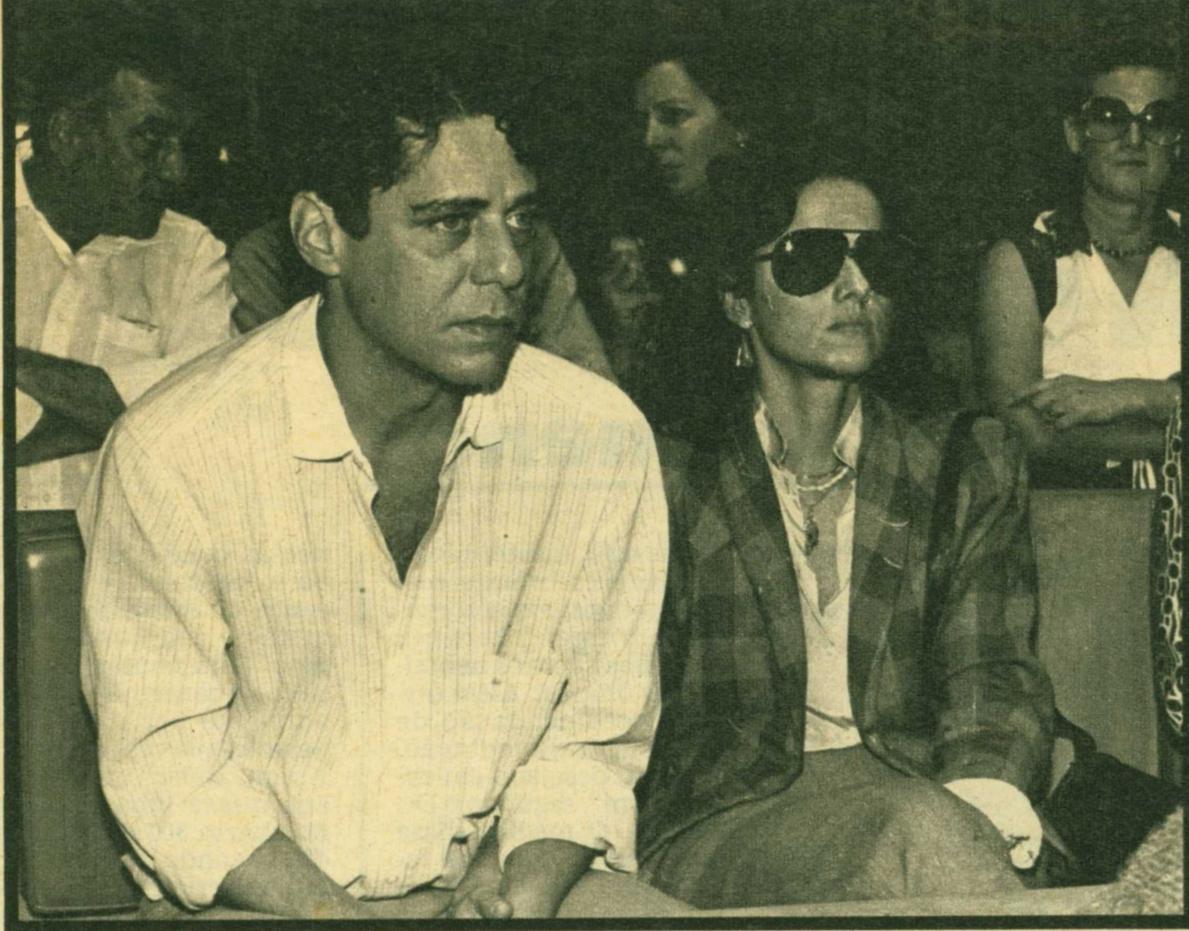


Amiga 12-5-82
A morte do historiador Sérgio



Chico e a mulher, Marieta. Abaixo, o compositor e a irmã, Maria do Carmo, com a mãe, D. Amélia. Ao fundo, Cristina.

CHICO

"Perdi meu melhor amigo"

"Perdi meu melhor amigo." Era esta a afirmação, quase mecânica, de Chico Buarque, a cada cumprimento de pêsames, durante o velório de seu pai, o historiador Sérgio Buarque de Holanda, no sábado da semana passada.



Amiga 12-5-82

SB4
Hp 133 10/20

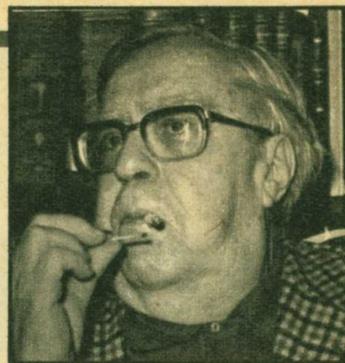
Buarque de Holanda atingiu até a música popular brasileira



O historiador Sérgio Buarque de Holanda.

SÉRGIO, O MAIOR HISTORIADOR DO BRASIL

DESCRITO como “o maior historiador brasileiro”, por Raimundo Faoro (jurista, historiador e ex-presidente da Ordem dos Advogados do Brasil), Sérgio Buarque de Holanda, apesar de sua importância, dizia, nos últimos tempos, ser, apenas, “o pai de Chico”. Paulistano, nascido em 1902, no dia 11 de junho, no bairro da liberdade, Sérgio Buarque de Holanda Cavalcanti, no sobrenome a prova de sua descendência pernambucana, estreou como crítico, aos 18 anos, no antigo jornal *Correio Paulistano*. Fez faculdade de Direito e manteve amizade com os principais líderes da *Semana de 22*, um dos mais importantes movimentos culturais no Brasil. A seguir, veio para o Rio, onde conviveu com a nata da



intelectualidade carioca, e lançou a revista *Estética*. Depois, assumiu, por breve período, a função de promotor público, em Cachoeiro de Itapemirim, sem, contudo, abandonar a pesquisa histórica. Daí, parte para a Alemanha, em 1929, quando, além de estudar, dedica-se a traduções e passa a ser correspondente de *O Jornal*, do Rio. Em seu retorno, 2 anos após, retoma as funções de jornalista, na agência *Associated Press*, crítico literário e professor, quando

lança seu primeiro livro, *Raízes do Brasil*. Após a Segunda Guerra, volta a São Paulo, assumindo a direção do Museu Paulista e fazendo uma rápida incursão pela política, candidatando-se a vereador pelo antigo Partido Socialista. Vai mais uma vez para a Europa, como adido cultural em Roma, mas o ensino é sua grande paixão, só abandonada, após a revolução de 64, quando seus companheiros da USP eram cassados. Além de *Raízes do Brasil*, editado em vários idiomas, até em japonês, Sérgio Buarque publicou vários outros livros. Entre os mais conhecidos, *Cobra de Vidro*, *Monções*, *Caminhos e Fronteiras* e *Tentativas de Mitologia*, lançado há dois anos. A morte veio encontrá-lo quando preparava seu mais importante trabalho, *História da Civilização Brasileira*.

O historiador morreu, aos 80 anos, de parada cardíaca, em sua casa, no bairro do Pacaembu, em São Paulo, quando, ao se levantar da cama, dirigia-se a seu escritório, ao lado, onde daria prosseguimento à que seria sua última e mais ambiciosa obra, *História Geral da Civilização Brasileira*.

Chico, logo que foi avisado, no Rio, da morte do pai, pegou o primeiro avião noturno para São Paulo e dirigiu-se à casa onde passara toda sua infância e na qual, agora, seu pai estava sendo velado. A emoção transparecia em seus olhos e o rosto mostrava uma violenta comoção interior.

Após passar a maior parte da madrugada ao lado da mãe, D. Amélia, Chico preparou-se para o ato mais triste de sua vida; levar o corpo do pai para ser cremado. Às 10h de domingo, o compositor tomou a alça dianteira do caixão e, junto com os irmãos, carregou-o até o carro funerário, onde, sem qualquer adorno, foi colocado sobre o chassi do veículo. Outro automóvel, que tinha vindo para carregar coroas e flores, foi dispensado por não ter o que portar.

Chegando ao crematório, Chico e um irmão ampararam a mãe, conduzindo-a, a passos trôpegos, à sala de encomendação do corpo, reservada à família e amigos mais próximos. Lá fora, a aglomeração de pessoas querendo ver o grande ídolo da MPB e suas irmãs famosas — Maria Helena (Miúcha), Maria do Carmo (Pi), Maria Cristina e Ana Maria — e os irmãos, Álvaro Augusto e Sérgio, era mantida a distância.

Terminada a cerimônia, todos deixaram vagarosamente o crematório. Próximo, a multidão de admiradores compreendeu a dignidade do momento e manteve-se em respeitoso silêncio.

Mal entrou no veículo que o levaria dali, Chico deixou-se afundar no banco e, segundo os que estavam perto, não conseguiu mais reprimir o choro, contido durante todo o tempo, e soltou-o, convulsivo.



Chico ajuda a levar o caixão até o carro fúnebre. Ao lado, Miúcha e a filha Bebel.